



fundação **carmona e costa**

ESPAÇO ARTES DECORATIVAS

## MARIA CAPELO

*Arde a folhagem das colunas e inclina-se*

---

EXPOSIÇÃO PATENTE até 17 JULHO 2021

De quarta a sábado das 15h00 às 20h00 (excepto feriados)

---

### Três desenhos de Maria Capelo

Estamos no atelier, dentro dele. “Duas salas unidas por uma porta”, é como podemos descrever o pequeno espaço que Maria Capelo ocupa, num bairro antigo de Lisboa. À direita fica a sala da pintura e à esquerda fica a sala em que o desenho é a principal atividade, mesmo que ali também se escreva, leia, ou pesquise imagens.

À maneira de um detetive procuramos pistas no espaço do atelier que nos façam entender a estranha articulação entre paisagem e linguagem que, cremos, seja o centro do trabalho de Maria Capelo. É nos detalhes que pousamos a atenção: o prato sombrio onde se ensaiam misturas de verdes, os livros abertos como sempre estão os livros, mostrando o seu interior, ou as telas alinhadas a um canto. Mas o que salta à vista é a porta que une e separa essa organização elementar entre direita e esquerda, entre pintura e desenho, no atelier da artista. A passagem-umbral. A passagem-linguagem. Intriga-nos porque nos faz pensar imediatamente nas Anunciações renascentistas, onde a porta é o elemento articulador da cena e por onde o Anjo e a Virgem se comunicam. Não existisse essa porta e o mistério não teria a mesma expressão que conhecemos.

Continuando este exercício simples de compreensão do atelier de Maria Capelo, poderemos ir mais longe, e atribuir elementos ou propriedades a cada uma das salas. Como num jogo de palavras, a sala da pintura seria uma pedra rochosa. Geologia e permanência ligando-nos ao real pela pintura. Já a sala da esquerda seria um emaranhado de galhos como aqueles que os rios transportam. Transitoriedade, fugacidade no desenho. Vertigem de traços capazes de dar conta do plural, do indizível, do infinito, e que revela uma morfologia subterrânea, extraída do lavrar da mão.

Como dissemos antes, é essa articulação “dramática” do atelier que também é visível no modo como Maria Capelo concebe as suas exposições, existindo, em suma, em toda a sua poética artística. Vejamos o título que a artista escolheu para a exposição na Fundação Carmona e Costa: *Arde a folhagem das colunas e inclina-se*. É um verso de Hölderlin extraído do poema *O Danúbio (Der Ister)*, da coletânea “Hinos Tardios”, aqui na tradução de Maria Teresa Dias

Furtado. Mas é, antes de tudo - como toda a literatura e toda a arte -, a convocação de uma “cena” ou, para fazer uso do jargão crítico, “uma alavanca discursiva”.

O que arde? A folhagem das colunas. O que se inclina? Quem se inclina? Não sabemos... Há uma ambiguidade quase agramatical em Hölderlin que é muito sugestiva. O pronome reflexo no verbo “inclinat” sugere subtilmente a existência de um sujeito distinto que parece sair para fora da frase. “Arde a folhagem das colunas” é uma imagem poderosa. Imediatamente a temos diante de nós como uma estranha visão. Já este “inclinat-se” faz-nos hesitar na porta-umbral da linguagem.

O traço de estranheza e singularidade da lírica do poeta alemão, exige de nós leitores uma atenção redobrada. Da mesma forma, estes andamentos rítmicos estranhos, juntamente com uma linguagem da interioridade e da força criativa, estão presentes no trabalho de Maria Capelo, artista cuja expressão plástica é já em si uma luta com o seu próprio instrumento.

Um verso que principia por um verbo “arde” no presente do indicativo evoca o tempo imediato do agora. Mas logo é interrompido pelo intrigante “inclinat-se”. Parece cinema o que vemos, aqui sugerido por uma pausa congelada da ação, quase um “frame”. Cinema tão constante em todo o trabalho de Maria Capelo e que é uma visão desse Danúbio imenso que canta Hölderlin, de mais de três mil quilómetros pelo coração da Europa, da boca do rio no Mar Negro até à sua nascente na Floresta Negra alemã.

Rios, cinema, umbral, fluxo das águas, perfuração, sulco, trama, o Danúbio de Hölderlin ou *as folhas amarelas* em Brecht... tudo habita o trabalho de Maria Capelo num plano rizomático, como “forças que emanam dos micromovimentos da mão” (Nuno Faria). É o caso destes três desenhos que se apresentam e o seu carácter simultaneamente envolvente e distante. A natureza que existe nos desenhos de Maria Capelo tem a força dos carvalhos cantada por Hölderlin, uma força criadora que se procura recuperar apesar da destruição que evocam. Já aquilo que os torna tão especiais é a sua trama apertada e sobreposta, como se estivéssemos no interior de um emaranhado vegetal apenas discernível pelos limites do papel.

Visível também nesses três desenhos, assim como em toda a arte poética de Maria Capelo, é o sentimento de um tempo futuro. Como diz Heidegger: da linguagem emerge o que há-de vir.

Marta Mestre, Abril, 2021